

Colônia Tirol

150 anos de um povoado austríaco no Brasil

por Wilfried Schabus e Alexander Schlick

**ESI614
70011**

Colônia Tirol

150 anos de um povoado austríaco no Brasil

por Wilfried Schabus e Alexander Schlick

Publicado pela Embaixada da Áustria no Brasil
com o Consulado Geral da Áustria no Rio de Janeiro

ES01614
70/2011

Dezembro 2007

Índice

Apresentação: Colônia Tirol - 150 anos	05
Prefácio	07
A viagem de Dr. Alexander Schlick à "Colônia Tirol de Santa Leopoldina"	09
O surgimento da pressão para a imigração no século XIX	15
<i>A situação econômica e social no Tirol</i>	
<i>Lealdade ferida</i>	
A emigração para o Brasil	15
<i>Tirolezes como soldados do Batalhão do Imperador do Brasil</i>	
<i>Arquiduquesa Leopoldina e o assentamento de colonos no Brasil</i>	
<i>Reações na Europa à política brasileira de imigração e a censura ao comércio de escravos "brancos"</i>	
<i>A avaliação do país de destino da imigração, Brasil, através de um missionário tirolês</i>	
<i>Por que para a América do Sul e não para a América do Norte?</i>	
A viagem para o Brasil	24
<i>A viagem para o ultramar</i>	
<i>A chegada a Brasil</i>	
O novo começo no Brasil	26
<i>A aquisição de terras de colonos e a obtenção do título de propriedade</i>	
<i>A população local</i>	
<i>A região de colonização de Santa Leopoldina</i>	
<i>O desenvolvimento histórico da Colônia Santa Leopoldina</i>	
<i>A visita do imperador à colônia</i>	
<i>Produção e comercialização de café</i>	
<i>A vida solitária no disperso assentamento</i>	
<i>Santa Leopoldina como portal para o mundo</i>	
<i>A família de emigrantes tirolezes, Holzmeister</i>	
<i>As condições em 1860</i>	

(10.134)

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
70	24/3/2011

As condições em 1863
A região de colonização de Santa Leopoldina conforme o
parecer de Johann Jakob von Tschudi
Qualidade do solo e condições do terreno
As colônias de lavoura de Santa Leopoldina, 55 anos após
Tschudi

Migração, remigração e migração posterior40
Ascensão e declínio econômico de uma região

A Colônia Tirol de Santa Leopoldina em 199241
As condições de vida

Projetos de assistência da antiga pátria43

Apresentação: Colônia Tirol - 150 anos

Já passou mais de uma década desde a data em que foi publicado na Áustria o livro "Colônia Tirol. Eine Tiroler Siedlung in Brasilien", de Wilfried Schabus e Alexander Schlick. É uma das poucas, talvez até a única publicação que trata da Colônia Tirol, o povoado localizado no município de Santa Leopoldina, no estado brasileiro de Espírito Santo. Este livro nunca foi traduzido para a língua portuguesa.

Entrementes, Colônia Tirol completou 150 anos de existência. As festividades de comemoração ocorreram no mês de julho de 2007. O presente resumo traduzido de algumas partes do mencionado livro, referente à emigração tirolesa para o Espírito Santo e à vida dentro da colônia de então até os nossos dias, é pensado como uma modesta colaboração para a comemoração deste sesquicentenário, oferecida pela Embaixada da Áustria em Brasília, pelo Consulado Geral da Áustria no Rio de Janeiro e pelo Consulado Honorário da Áustria em Vitória ao povo e ao povoado de Tirol. A sua vida dura e atarefada, em meio à bela paisagem montanhosa da Serra do Mar, em meio aos impressionantes restos da Mata Atlântica, merece ser anotada e dada a conhecer.

Na minha qualidade de Embaixador da Áustria no Brasil eu pude estar na Colônia Tirol em novembro de 2006, durante uma visita oficial ao Estado do Espírito Santo. Ainda hoje é difícil chegar até lá, passando por caminhos rústicos, até atingir este recanto ao mesmo tempo selvagem e romântico, tão afastado da grande civilização. Os seus habitantes são simples e cordiais. Envidam ingentes esforços para melhorar a vida tradicionalmente severa de cada um deles e de suas famílias. Alguns novos produtos agrícolas, como por exemplo, o gengibre, muito popular tanto no Brasil quanto no exterior, deverão contribuir para isso. Depositam-se também esperanças num maior desenvolvimento da infraestrutura turística local, ainda bastante modesta.

Em todo caso, a hospitalidade em si não conhece fronteiras. A escola local, que é de difícil acesso para quem não possui um veículo com tração nas quatro rodas, deve fornecer a base para uma educação melhor das crianças locais, que assim teriam também melhores perspectivas profissionais. O prefeito e a Câmara de Vereadores de Santa Leopoldina, a sede do município, próxima à Colônia Tirol, que tem esse nome em homenagem à primeira imperatriz do Brasil, Leopoldina de Habsburgo, vêem Colônia Tirol e seu desenvolvimento com grande interesse e simpatia, como parte da comunidade municipal. Mas os olhares também se dirigem para a pátria de origem, para o Tirol austríaco, com muita esperança em mais generosa cooperação para o desenvolvimento da comunidade local. A maior prioridade é dada à construção de uma estrada asfaltada para ligar a sede de Santa Leopoldina com a Colônia Tirol. No dia em que os trancos e barrancos ligados à viagem hoje em dia e a lamaceira que surge durante a estação das chuvas forem coisa do passado, a Colônia Tirol poderá se desenvolver de verdade e se sustentar sobre as próprias pernas.

Na pessoa do eficiente Governador do Estado de Espírito Santo, Paulo Hartung, a colônia tem um amigo a ocupar um cargo de grande importância. Ele está pessoalmente preocupado em pôr à disposição desta comunidade a maior quantidade de verbas possível, para que a tão desejada estrada asfaltada se torne realidade o quanto antes.

Saúdo cordialmente os amáveis tirolezes e seus descendentes, assim como seus amigos na Colônia Tirol, no Brasil, bem como na sua velha pátria, o Tirol. Desejo a todos que tenham uma participação ativa na história e no futuro da Colônia Tirol !

Werner Brandstetter
Embaixador da Áustria no Brasil

Prefácio

O lingüista Dr. Wilfried Schabus trabalha no Arquivo Fonográfico da Academia Austríaca de Ciências e nessa função há anos vem realizando pesquisas de campo sobre o tema "Contato lingüístico e cultural entre os (antigos) colonos austríacos no exterior", no qual destaca a presença de assentamentos de imigrantes tirolezes na América do Sul.

Wilfried Schabus esteve na Colônia Tirol no mês de setembro de 1992. Pesquisas suplementares nos arquivos existentes na Áustria ajudaram a aprofundar ainda mais sua visão sobre a história do desenvolvimento da colônia.

O acaso quis que o antropólogo Dr. Alexander Schlick escolhesse, no início de 1993, como tema de dissertação no Instituto de Biologia Humana (Universidade de Viena) a Colônia Tirol e, em virtude dos levantamentos de dados relativos ao tema escolhido que realizou, foi possível acompanhar mais de perto o desenvolvimento atual da Colônia Tirol.

A presente brochura procura, não sem dificuldade, reproduzir de forma bastante reduzida o livro "Colônia Tirol. Uma Colônia Tirolesa no Brasil", dos autores Schabus e Schlick, publicado em 1996 pela *Edition Tirol*, sem, contudo, deixar de ser fiel ao conteúdo complexo do texto original.

Em virtude do tamanho reduzido do texto teve-se de deixar de mencionar as fontes das informações. Em várias citações foi mantido o formato do texto original, conforme utilizado pelos próprios Schabus/Schlick, ou seja, em alguns trechos foram inseridas aspas e outros o texto foi escrito em itálico.

Julia Repa
Professora de Alemão do Goethe Zentrum, Brasília

Ana Luiza de Paula Leite
Professora de Alemão do Goethe Zentrum, Brasília
Tradutora e intérprete juramentada dos idiomas alemão/
português

A viagem de Dr. Alexander Schlick à "Colônia Tirol de Santa Leopoldina"

Chegar à Colônia Tirol ainda hoje é uma aventura. Já no aeroporto de Vitória parece que nunca existiram placas indicativas, e mesmo onde elas talvez tivessem existido, já estariam de qualquer forma enferrujadas há muito tempo ou até já teriam desaparecido. Tarcísio sai de repente com a Kombi da via principal asfaltada e entra em uma estrada de areia cheia de buracos. Aqui também não há nenhuma placa indicativa. "Com o tempo você vai aprendendo o caminho", responde ele de modo descontraído tipicamente brasileiro à minha pergunta desconcertada, e prossegue: "Não é tão difícil". Depois de percorrer um pequeno trecho de estrada de areia voltamos à via principal asfaltada; mas esta tem mais buracos do que asfalto. Subitamente, viramos em uma pista de areia, que parece impossível de se achar sem conhecê-la antes. Várias vezes os pneus da Kombi rodaram em falso e só com a perícia de Tarcísio é que não ficamos atolados. Após algumas centenas de metros a estrada termina abruptamente. Na nossa frente está um ônibus escolar e alguns outros veículos. "Será que aqui também tem congestionamento?" eu penso comigo mesmo. Na realidade, o que ocorreu de fato, foi um acidente: um fusca caiu no despenhadeiro e está sendo içado por um trator. Trata-se de um trabalho árduo, pois o trator é fraco demais e o cabo de aço também parece que vai arrebentar. Além disso, a estrada de terra estreita e pouco firme parece que vai desabar. Lembranças de minha viagem do ano passado voltam à minha mente, quando eu vivi algo semelhante. Este tipo de coisa acontece com maior frequência aqui. Depois que o trator passa, podemos prosseguir viagem em meio às bananeiras, plantações de café e pastos semelhantes aos dos Alpes.

O sol poente encobre a paisagem num véu suave, avermelhado, o que lhe confere uma impressão surreal. O ar é

empoeirado e seco, pois não chove há meses. A chuva que está demorando a vir também é o tema número 1 das conversas, sempre que paramos para conversar com alguém do lugar e isto acontece com freqüência. "Tomara que logo venha chuva, senão não vai dar para plantar o feijão", queixa-se Valdimiro Siller, depois de ter me cumprimentado com calorosas "Saudações". É fevereiro e a temperatura ainda permanece, à noite, na casa dos 30° Celsius. Entretanto, quanto mais nos aproximamos do centro da Colônia, que fica a cerca de 600 metros acima do nível do mar, o ar fica mais agradável e fresco. A diferença de altitude para Vitória, que fica no litoral, torna-se evidente. Este também é o motivo pelo qual as pessoas aqui chamam a região da Colônia Tirol de "terra fria", ao contrário das regiões mais baixas, que são denominadas terras quentes.

Anuncia-se uma procissão para o próximo dia para pedir chuva. É uma boa oportunidade para conhecer pessoas que moram dispersas pela região e que por isso não se encontram com freqüência.

Para a procissão reúnem-se menos pessoas do que o esperado pela igreja. A maioria das pessoas não ficou sabendo [da procissão], revela no dialeto tirolês José Schäfer, um descendente de Walpurga Kap-ferer e Josef Siller de Fulpmes. O sistema de informação aparentemente não funciona muito bem, as distâncias são enormes e quase ninguém tem um veículo, sem falar que ninguém tem telefone. Aliás, neste ínterim, foi instalado pelo menos um que foi financiado com recursos do governo estadual do Tirol e que é o único no distrito de Santa Leopoldina, além do que há na capital do distrito que ainda assim abrange 724 km.

Se não chover logo não poderá nem sequer plantar feijão no solo pobre, grão que constitui base da alimentação nesta região. Algumas semanas mais tarde, as chuvas vieram e não queriam mais parar. Os feijões pretos estavam salvos, as estradas que desmoronaram se transformaram em buracos de lama nos quais os carros sempre acabavam atolando. Tarcísio, que é o único que tem habilitação para dirigir o veículo de carga, coloca correntes nos pneus para poder passar pela lama.

Um dia, perto do final do período das chuvas quando as estradas ainda estavam muito destruídas, passou uma ambulância e trouxe dois trabalhadores que estavam trabalhando na construção de uma pousada. Os enfermeiros os haviam encontrado na beira da estrada na frente de um precipício, onde o caminhão deles tinha despencando uns 50 metros para baixo. Tendo em vista que a jornada de trabalho dos enfermeiros já havia terminado, os feridos simplesmente foram deixados na frente da casa de Camilo, ao invés de serem levados para o hospital. As vidas das pessoas não contam muito por aqui, eu pensei comigo. Tal fato também foi confirmado na história de um jovem, "que tinha sido quebrado", como dizem os tirolêses. Ele foi encontrado perto da igreja no seu "Fusca", este é o nome dos VW-Käfer no Brasil. Ele foi assassinado a pancadas, por ciúmes, conforme descobriram mais tarde.

Antigamente o solo era muito mais fértil, dizem os mais velhos, mas cento e quarenta anos de intensiva agricultura sem rotação de cultivos e adubação, depauperaram até o melhor solo. A única variação no cultivo é que depois de alguns anos de intensiva exploração de uma encosta, a mesma era abandonada e depois acabava se recuperando por si só. Surge uma floresta secundária densa, a *Capoeira*. Esta volta a ser fértil depois de alguns anos com o emprego da queimada. Mas o nível de produção agora atinge no máximo metade daquele que era alcançado anteriormente, e isto, apesar da utilização de adubos químicos caros. Os tirolêses já não desenvolvem há muito tempo atividades agropecuárias, com algumas poucas exceções. O gado leiteiro daqui produz no máximo quatro litros por dia e isto é muito pouco para se utilizar uma terra valiosa como pastagem.

Nas ladeiras íngremes sempre cultivaram café, feijão, mandioca e um ou outro tipo das mais de vinte espécies de banana que prosperam nesta região. O café foi por muito tempo o único item de exportação do estado do Espírito Santo e as outras culturas só eram cultivadas para uso próprio. Em geral os sítios eram auto-suficientes no que se refere aos itens básicos e as receitas advindas da venda do café eram destinadas à compra

de "artigos de luxo". Mesmo as ferramentas eram produzidas pelos ferreiros locais. Até o sabão era feito no local, o chamado "Abakaln", como José Schäfer relata ainda hoje.

Esta situação mudou muito pouco daquele tempo até hoje. Para o consumo próprio cultivam diversos tipos de legumes, como por exemplo, o quiabo, que se parece com a vagem. Na maioria das propriedades rurais encontram-se galinhas, mais raramente porcos, o que permite uma rica variação em proteínas no cardápio. No mais, a alimentação diária consiste em feijão preto com farinha de mandioca, a chamada "Farinha" pelos tirolezes. Anteriormente Ricardo Siller tentou plantar em especial tomates, morangos e outras plantas úteis para fugir da pequena margem de lucro dos produtos tradicionais.

Perguntaram muito para mim, se eu também seria alemão. Quando eu respondia que era da Áustria, a maioria achava que Áustria era a tradução para o português da palavra *Deutschland* (Alemanha). Também ouvi outras pessoas dizerem que achavam que Áustria era a capital da Alemanha. Todavia, o conhecimento sobre o país de origem de seus antecessores por si só aumentou muito no ano passado, porque cada vez mais austríacos visitam a *Colônia Tirol* e as pessoas que têm contato com eles aprendem rapidamente.

O sistema escolar é ruim, são oferecidos apenas os quatro primeiros anos do ensino fundamental e se as crianças após estes quatro anos conseguem ler e escrever já é muito. Durante a colheita, frequentemente as crianças têm que ajudar nos sítios de seus pais e assim perdem muitos dias de aula. Também a troca constante de professoras não contribui propriamente para um aprendizado eficaz dos alunos. As professoras não gostam de morar na zona rural porque ficam separadas da família e dos amigos e, além disso, têm de viver em condições muito simples. Por esta razão elas deixam a "roça", logo na primeira oportunidade. Só a professora de Tirol, Penha permanece fiel à sua escola há mais de uma década e também não tem intenção de ir embora.

Em geral a Colônia Tirol mudou muito. Com recursos de assistência a países em desenvolvimento oferecido pelo estado do Tirol foi construída uma pousada com 16 leitos, a qual foi

inaugurada no verão de 1995. Este estabelecimento goza cada vez mais da preferência [das pessoas]. Para os próprios tirolêses esta pousada tornou-se uma espécie de centro, onde podem se reunir também quando chove. Antigamente eles se encontravam, na maioria das vezes, na igreja e nas festas. Alguns fregueses esporadicamente freqüentavam a "Venda" de Oskar Endringer que ficava ao lado da igreja. Lá o espaço é pequeno e não há lugar para se sentar e além disso, a venda fica muito mais longe dos colonos tirolezes, do que a nova pousada que se encontra junto à casa de Camilo Thomas, gerenciada com sucesso por seu filho Geraldo.

No começo foi muito penoso para os tirolezes, pois não tinham noção da aventura em que eles estavam se metendo. Além das dificuldades com a língua portuguesa, as plantas de consumo brasileiras, como a banana e o café, eram totalmente estranhas. Há relatos de que alguns queriam plantar banana, enterrando-a na terra recém desmatada e afogada. Eles também não deviam estar acostumados a lidar com o café. José Schäfer conta que a primeira "colheita de café" foi "perdida" porque o grão não foi colhido quando estava com a cor vermelha, ou seja, maduro. Esperaram até que ele ficasse marrom. Evidentemente não sabiam que o café só ficava marrom quando era torrado.

Entretanto, depois de anos de árduo trabalho em condições completamente novas, a maioria dos imigrantes passou a ter uma vida melhor do que tinha em seu país de origem.

O surgimento de uma pressão para a imigração no século XIX

A situação econômica e social no Tirol

Os motivos que levaram muitos tirolêses a se prontificarem a imigrar, eram casos excepcionais em busca de aventuras, ou uma tentativa de escapar do juiz de direito - do executor, ou do serviço militar. Era comum o sentimento que dominava os pequenos agricultores e artesãos, de que sua diligência, força e seu talento não podiam mais ser empregados para proporcionar

o bem-estar de sua própria família, porque viviam em um mundo sufocado pela ganância do fisco. Especialmente na parte baixa do Tirol havia muitos jovens que não tinham a mínima perspectiva de constituir sua própria família em virtude do direito sucessório que vigorava na época, quando apenas um dos irmãos recebia a herança e nada restava aos demais. Assim, havia um grande receio de que os desprovidos de herança e de bens se casassem e os filhos se tornariam um peso para as comunidades. Desta forma, em vista à falta de meios de subsistência, não lhes concediam a permissão oficial para se casarem.

Em Vinschgau e no alto Inntal a situação era um pouco diferente. Conforme o direito real (romano) de partilha a posse da terra era dividida igualmente entre os titulares de direito à herança, o que levou, entretanto, a tamanha dispersão das unidades econômicas, a ponto de não poderem mais proporcionar meios de subsistência suficientes aos descendentes. Mesmo assim os pequenos agricultores tinham pelo menos nominalmente uma renda autônoma e por isso eram submetidos a limitações menos rigorosas com relação ao casamento, porém, em Silz, a direção do município negava a permissão política de casamento quando não era alcançado um mínimo de posse.

Era evidente que o aumento da densidade populacional em Oberinntal era alto demais em relação aos meios de subsistência mínimos dos agricultores, bem como com relação às possibilidades de ocupação dos artesãos. Paradoxalmente, para muitos camponeses a "libertação dos camponeses", também considerada hoje em dia pela maioria dos historiadores como fator de progresso social, foi o início do endividamento excessivo da corte, porque eles eram obrigados a financiar a quitação da propriedade sobre a qual recaía a "um terço", ou seja, eles conseguiam a isenção de encargos de sua propriedade somente incorrendo em novos encargos, como, constituindo hipotecas.

Muitas famílias não podiam viver só da agricultura, por esta razão muitos habitantes do Oberinntal também aprendiam um ofício. Todavia, a população que não era formada por camponeses também não estava em uma boa situação. Mais tarde, com a

crise econômica mundial de 1857, com o advento do processo de industrialização, sobrevieram dificuldades de consumo de produtos de ferro, sobretudo em Stubaital, o que também causou penúria dentre os artesãos.

Lealdade ferida

Além da tristeza com relação à situação econômica, uma enorme frustração política dominava o Tirol desde 1848, e muitos tirolezes passaram rapidamente e de forma sustentável a não ser mais solidários com sua pátria. Aqueles que eram sinceramente leais ao imperador sentiram-se profundamente magoados, pelo fato, a seu ver, do monarca ter tratado com uma indulgência diplomática muito grande os revoltosos italianos no Welschtirol, justamente onde os atiradores tirolêses foram aqueles que "marcharam por Deus, pelo imperador e pela pátria contra os Wälschen" e puseram em cheque os rebeldes, antes que esses fossem derrotados finalmente pelo Marechal de Campo Radetzky. Os leais tirolezes ficaram tão magoados, porque não haviam faltado demonstrações de lealdade/dedicação, quando a família imperial havia fugido de Viena para Innsbruck, no ano da revolução de 1848. E, no entanto, apenas alguns anos depois desses acontecimentos, aquelas mesmas pessoas que tanto defenderam sua pátria, tinham que se submeter à carestia e a uma burocratização injustas e nenhum tirolês consciente de sua liberdade, de seus direitos, pode aceitar que o fisco rigoroso recebesse apoio de policiais armados para que estes fossem cobrar sem dó nem piedade os impostos horrorosos sobre os valores irrisórios que pobres coitados ganhavam, de tal forma que nada mais sobrasse para alimentar seus próprios filhos.

A emigração para o Brasil

Sem dúvida o Brasil fazia parte, ao lado da América do Norte, daqueles países que precisavam da colonização, conforme um político do Peru mencionou, "os quais são menos distantes da Europa e para onde a viagem era mais fácil". Talvez tenha sido

essa a razão pela qual a emigração brasileira não tenha sido discutida com tanta paixão nos jornais tirolezes como a epopéia da emigração para o Peru no ano de 1857. Além disso, naquela época não havia mais no Brasil nenhuma restrição à imigração de protestantes, e por isso a emigração de tirolezes não pode ser declarada como um empreendimento católico, de forma que, pelo menos com relação à religião, não havia controvérsia.

Tirolezes como soldados do Batalhão do Imperador do Brasil

Uma outra razão para que nesse tempo uma emigração para o Brasil não fosse algo inaudito, foi o fato de que o Brasil já naquela época havia se tornado um país de emigração tradicional para alemães e austríacos. "Só nos anos de 1824 a 1829 foram contratadas 10.000 pessoas de países de língua alemã, a maioria delas como soldados do Batalhão do Imperador do Brasil Dom Pedro I", pois, depois que a corte portuguesa por pressão de Napoleão foi afastada para a colônia brasileira, a partir de 1808 a Casa de Bragança passou residir no Rio de Janeiro. Lá uma das primeiras medidas políticas de Dom João VI, pai de Pedro, foi revogar a proibição da imigração dos não-portugueses, que vigorava para o Brasil desde o descobrimento do ouro em Minas Gerais e cujo cumprimento era vigiado com rigor por Portugal.

Tanto no que se refere à independência de Portugal alcançada sem derramamento de sangue, quanto aos esforços para manter a unidade do Brasil, uma austríaca teve um mérito extraordinário, mais precisamente a princesa dos Habsburgos Leopoldina, uma filha de Franz I, que em 1817 que se tornou esposa de D. Pedro I, o qual foi coroado imperador de uma monarquia constitucional do Brasil em 1822.

Como agora se tratava da criação de batalhões de soldados e da guarda imperial que "deveriam constituir um baluarte firme do trono e das instituições imperiais", incumbiram um militar nascido na França e formado em medicina, mais especificamente o major Anton Von Schaeffer, a recrutar principalmente alemães e austríacos. Tendo em vista que a Constituição portuguesa proibia

o alistamento de soldados estrangeiros no exterior, o imperador mandou buscar soldados disfarçados de colonos ou civis, que só eram contratados como soldados após seu desembarque no Brasil.

Arquiduquesa Leopoldina e o assentamento de colonos no Brasil

"Mande mais 3.000 homens, todos rapazes solteiros", escreve Leopoldina em uma carta endereçada ao major von Schaeffer em 12 de junho de 1824, e nove meses mais tarde ela lhe escreve novamente: "ademais, o senhor deve enviar - o mais rápido possível - os 2.000 homens que o senhor mencionou em sua carta e que já estariam à disposição." Tendo em vista que, se tratando de rapazes solteiros, só se poderia pensar em soldados, Leopoldina também estava apoiando o desejo de Pedro de recrutar soldados para dar retaguarda à nova monarquia, pois, naturalmente, ela também se preocupava com a defesa militar do trono e do país. Além disso, o assentamento de agricultores sempre foi uma grande preocupação pessoal, e da qual ela esperava um grande incentivo agrário do país e a criação de uma classe média formada de agricultores. (Embora o casal de príncipes regentes também incentivasse a imigração de agricultores, os colonos, diferentemente dos soldados, eram submetidos à arbitrariedade das autoridades, não por parte do rei, mas sim pelos funcionários de repartições públicas da colônia e pelos fazendeiros, ou seja, os grandes proprietários de terras brasileiros).

Leopoldina, que era filha do imperador Franz I da Áustria, na qualidade de esposa do herdeiro do trono português, Dom Pedro - quem foi coroado imperador da gigantesca colônia brasileira em 1822, desde então entendida como uma monarquia constitucional politicamente independente de Portugal - incentivou de forma compreensiva no sentido mais amplo a imigração de "conterrâneos" para o Brasil. Ela se preocupava, sobretudo, com o assentamento de camponeses, porque ela já tinha reconhecido na época as desvantagens da economia escravagista. Ela achava

que o país tinha que ser urbanizado sob o ponto de vista agrário e econômico, "com muito esforço e paciência", como ela mencionou em sua carta enviada ao seu irmão Franz já no ano de 1818. Mas não era possível realizar isso, enquanto o trabalho braçal fosse a atividade desprezada de escravos sem direitos, e cujos senhores pertenciam a uma elite de grandes proprietários de terras descendentes de portugueses, e cuja ganância estava mais voltada para a ampliação de sua influência política do que para a urbanização. Dos colonos a serem recrutados Leopoldina esperava esforço e paciência e a disposição para um trabalho duro sem escravos, os quais - na qualidade de uma nova classe média, branca, diligente - deveriam auxiliar o trabalho na sociedade brasileira a atingir um nível mais elevado e se constituir em fator de estabilidade política. O sistema econômico colonial no Brasil baseava-se em fazendas dos grandes proprietários de terras, nas quais eram produzidas, com o uso da força de trabalho escravo, cana-de-açúcar e café em enormes monoculturas para o mercado mundial. Este sistema significava uma posição de monopólio para a posse da propriedade que se concentrava nas mãos de uma minoria, justamente nas mãos dos grandes proprietários de terras.

O primeiro grande assentamento de pequenos agricultores bem sucedido, do qual adveio o importante impulso para formação de uma classe média rural, foi fundada no ano de 1824 às margens do Rio dos Sinos, ao norte de Porto Alegre. Trata-se de São Leopoldo que ficava no sul do país e tinha um clima mais suportável para os colonos provenientes da Europa Central. Este ano assinalou o início propriamente dito da colonização de países de língua alemã no Brasil. (Tem-se como data de fundação o dia 25 de julho de 1824. Este dia do ano é festejado desde então como "o Dia dos Colonos". As comemorações de um século de imigração - a última em 1974 - configuraram-se em comícios imensos de países de língua alemã no Brasil). Mas a primeira colônia de pequenos agricultores foi fundada em Nova Friburgo, localizada ao norte do Rio já em 1819 "por suíços do cantão onde se falava francês e por alguns alemães e, posteriormente, foi

povoada pelos primeiros colonos enviados por Schaeffer". Entretanto, esta experiência foi um fracasso e muitos colonos migraram para o Rio. Algumas famílias passaram necessidade. Um historiador brasileiro relata que "a arquiduquesa austríaca representava a madrinha natural de Nova Friburgo; ela esvaziou várias vezes sua própria bolsa para dar assistência a viúvas e órfãos". Só que o relator não tinha idéia, como supõe Oberacker, que as reservas particulares de Leopoldina geralmente eram muito baixas e que ela contraía dívidas para auxiliá-los.

Reações na Europa à política de imigração brasileira e a censura ao comércio de escravos "brancos"

Três décadas após a morte de Leopoldina surgiram controvérsias violentas entre os que aprovavam e os que reprovavam uma emigração para o Brasil, não só na Alemanha, mas também em todos os outros países europeus, onde os agentes de emigração brasileiros agiam como na Suíça, na Itália e também em Portugal. Ponto central da polêmica era o fato de que o Brasil havia sido obrigado por pressão econômica por parte da Inglaterra, por volta de 1850, a desistir definitivamente da importação de escravos africanos.

Por um lado é preciso ver que os novos métodos para a contratação de colonos eram voltados para as camadas mais pobres da população, enquanto que dentre os imigrantes anteriores também havia muitos que tinham um apoio financeiro-material maior e que por isso conseguiam deixar de se submeter às condições de trabalho extorsivas e aos contratos de arrendamento. Não há dúvida de que os proprietários das plantações necessitavam urgentemente de uma outra força de trabalho depois da proibição da importação de escravos. Justamente por este motivo os novos trabalhadores tinham que dar a menor despesa possível, porque os fazendeiros não haviam recebido qualquer indenização do Estado depois da proibição da importação de escravos em 1850 e também após a abolição definitiva da escravatura em 1887. O historiador brasileiro Fernando Carneiro também vê na imigração daquela época "um elemento

para a substituição do trabalho escravo". Assim era evidente que o conjunto de tais circunstâncias em um país com tradição de economia colonialista levasse quase que automaticamente a sistemas espoliatórios de trabalho.

A avaliação do país de destino da imigração, o Brasil, através de um missionário tirolês

Na Alemanha havia uma série de associações e jornais de imigrantes, ao passo que os austríacos não tinham acesso a informações suficientes sobre um determinado destino de emigração na América do Sul. Ainda assim, havia diários, como o *Wiener Zeitung* e o *Bothe für Tirol und Vorarlberg*, que procuravam publicar comentários sobre o Brasil com objetividade.

O padre Rupert Bucher era um beneditino tirolês de St. Georgenberg-Fiecht, que esteve a serviço no Brasil na qualidade de pastor e missionário entre 1860 a 1877. Ele fez um relato - sem dúvida, o mais objetivo possível - porém este só surgiu em 1861, tarde demais para os camponeses e artesãos tirolêses que já haviam emigrado três anos antes para o estado brasileiro do Espírito Santo. Se eles tivessem tido acesso antes a tais informações por parte de uma fonte confiável, talvez eles não tivessem se fixado na região da colônia Santa Leopoldina, a 20° de latitude sul, mas sim nas províncias situadas mais ao sul, Santa Catarina ou Rio Grande do Sul, as quais Bucher julgava mais apropriadas.

Com relação aos ataques dos índios, que serão mencionados mais adiante neste texto, Bucher não relatou nada. Entretanto, ele vivia no estado sulista de Santa Catarina na colônia *São Pedro de Alcântara*, que já havia sido ocupado por católicos da região de Trier e Koblenz, três décadas anos antes de sua chegada. Aqui certamente as dificuldades iniciais mais terríveis já haviam sido superadas muito antes da chegada de Bucher, enquanto que os tirolêses de Stubaital e do alto Inntal, que emigraram para o Brasil em 1858, tinham que urbanizar a região de colonização de *Santa Leopoldina* situada no sudoeste, que havia lhes sido destinada. Bucher, entretanto, também conhecia

a situação nesta colônia e reclamava das condições precárias de saúde dos colonos de lá.

Bucher também "nunca ouviu falar de ataques à liberdade e à dignidade humana" dos imigrantes. No entanto ele admite que aqueles "que celebraram contratos de salários ou de arrendamento com os proprietários de terras brasileiros, teriam sido enganados, ludibriados de forma gritante".

Ele também relativiza os possíveis perigos que répteis e insetos representavam. Na realidade ele não nega que era comum alguém ser picado por cobras, mas menciona que em uma população formada por 3.000 habitantes de um distrito que ele conhecia, só ocorreram dois casos de óbito durante um período de 25 anos. Quem era esperto, sempre carregava consigo o antídoto.

Naturalmente Bucher aborda a questão que mais interessava aos tirolêses que queriam emigrar, ou seja, as condições de produção agrícola e se "valia a pena o trabalho no país". Com relação à questão, Bucher pareceu especialmente cuidadoso em não deixar que se criassem ilusões entre seus conterrâneos, pois no Brasil "não haveria descanso no inverno nem para a terra, nem para as pessoas; cada palmo de terra teria primeiro que ser arrancado da floresta, não é possível utilizar o arado, e o que existe em grande abundância é erva-daninha". Quem sonhava com o cultivo de cereais ficaria, também, decepcionado, porque o trigo e centeio eram importados da América do Norte. Por outro lado, o que se poderia plantar no Brasil, seria café, cana-de-açúcar e arroz.

A terra arável, recém desmatada, teria somente no início uma "incrível produtividade", mas estaria esgotada depois de dois ou três anos e seria necessário deixar descansando durante cinco anos.

Com toda a sobriedade em sua avaliação do Brasil, Bucher, entretanto, não desaconselha a emigração para a América do Sul a aqueles que não têm recursos e "não sabem como progredir com suas famílias em sua pátria mesmo trabalhando arduamente

e submetendo-se a privações". Quem viesse junto com uma família diligente, conseguiria construir uma vida, no começo devagar e com muito trabalho, mas aos poucos cada vez mais depressa e mais facilmente, pois o país seria "grato, muito grato", mas apenas a aqueles trabalhadores diligentes e robustos.

Por que para a América do Sul e não para a América do Norte?

Com relação a questão do motivo pelo qual os agricultores precisavam emigrar, Bucher surpreendentemente deu "sem hesitar preferência pela América do Norte" sobre todos os Estados da América do Sul. Pode-se achar espantoso o fato de Bucher concordar com os opositores à emigração para o Brasil no que se refere à questão central da temática dos emigrantes, caso se leve em consideração tudo o que se ouviu até o momento. Entretanto, Bucher diferencia com vigor os destinatários de suas recomendações de acordo com seu status social, pois haveria de um lado aqueles "que estão felizes, só por poderem votar livremente", onde ele pensa em procurar um futuro melhor, porque ele tem o dinheiro suficiente para tanto. Ele diria que "aquele que fosse lavrador e se mudasse para a América do Sul era louco". Por outro lado há "uma classe de pessoas, que têm de emigrar, mas que infelizmente frequentemente não estão em condição de escolher aquele ponto do planeta Terra, aonde eles devem confiar a sorte de todo seu futuro, e Bucher quer dizer com isso que "a massa de pobres diabos", que cada dia aumentava mais em virtude da política econômica vigente na Europa naquela época. Para aqueles só era plausível a América do Sul porque "a viagem marítima custava dinheiro, a viagem para o interior da América do Norte não custava menos; e eles tinham que ir mais para o oeste, pois com os bolsos vazios a aquisição de terras no leste já povoado era incompatível".

Os menos favorecidos, todavia, poderiam se locomover "cem vezes melhor no Brasil do que nos Estados Unidos".

Um outro aspecto, para o qual Bucher chamou a atenção, foi à questão político-religiosa, pois apesar da liberal política de

imigração do Brasil, a confissão religiosa influenciava naturalmente também grupos dos colonos, isolados sobre o clima social das colônias isoladas, e o oferecimento de pastores/padres determinava frequentemente o sucesso ou fracasso de um projeto de colonização.

Sob o ponto de vista religioso, o Brasil dava muito mais motivo para preocupação aos católicos e o Padre Bucher lamenta que as necessidades espirituais dos imigrantes católicos "não eram supridas ou apenas eram supridas parcialmente". Na verdade Bucher se queixa em uma carta pessoal a um confrade no Tirol em 1862, que o governo brasileiro era "condescendente" com os protestantes, ao passo que era "mesquinho" com católicos, e, por isso, pedia aos beneditinos que não aconselhassem ninguém a emigrar para o Brasil. Em contrapartida, ante a necessidade de emigração de muitos seus conterrâneos, ele se mostra mais prático em seu texto publicado anonimamente, todavia chama a atenção de cada um dos emigrantes, que em muitas colônias do Brasil existem católicos e não católicos que professam todos os tipos imagináveis de crenças, tal como couve e rabanetes se misturam. Isso não se faz com segundas intenções políticas ou por qualquer necessidade inerente, mas sim por pura "insensibilidade". E Bucher recomenda a seus conterrâneos, "não escolham nenhuma colônia onde não há nenhum religioso católico". "Informe-se antes sobre a situação religiosa de uma colônia e não escolha nenhuma que pareça... um mapa colorido da Alemanha, pois em tais sociedades não há paz."

Nestas circunstâncias não é de se admirar, que Padre Bucher tenha feito a administração da colônia se comprometer a deixar que fossem assentados tirolêses católicos em um vale, até então não povoado na região de colonização de Dona Francisca (Joinville), durante quatro anos seguidos, para manter seus conterrâneos fechados sob sua proteção/seu amparo espiritual. Como se verá pelo exemplo de os tirolêses de Santa Leopoldina, há testemunhos suficientes de que muitos emigrantes tirolêses se preocupavam em ter orientação religiosa de um padre que falasse a língua alemã e ter a maior proteção possível de

influências excessivamente "educativas". Estes aspectos também foram discutidos acaloradamente antes da publicação do texto de Bucher no Tirol, ao lado das demais questões e condições de assentamento e dos problemas das riquezas do solo e das possibilidades de consumo dos produtos.

A viagem para o Brasil

Pode-se supor que os tirolêses só tomaram a decisão de emigrar depois de muita reflexão e muitos deles só resolveram depois de receberem relatos de parentes ou conhecidos que já haviam emigrado. Pode-se questionar, entretanto, se os emigrantes estavam bem informados sobre o futuro local aonde eles iriam se estabelecer ou se também só estavam em condição de determinar seu próprio destino.

A viagem para o ultramar ↴

Padre Rupert Bucher, por exemplo, foi autorizado a emigrar com um grupo de 80 tirolêses em 28 de abril de 1860, partindo de Hamburgo. A visão do porto de Hamburgo deve ter sido uma tremenda experiência e eles ficaram espantados ao ver "a enorme quantidade de navios ancorados lá" e ficaram ainda mais impressionados, quando calcularam que lá devia haver "mais de 1000 navios", que estavam prontos para zarpar. A viagem marítima para São Francisco deveria durar 65 dias.

Padre Rupert se admirava das condições de saúde dos passageiros, que a seu ver eram excelentes (ainda assim "a água era completamente insalubre em alguns trechos, tinha um mau cheiro, semelhante a de ovos podres", pois com exceção de "algumas inflamações de olhos e cólicas de vesícula" não tiveram qualquer doença. A bordo de um outro cargueiro velho havia mais de 400 emigrantes, dentre eles um médico tirolês de Schwaz. Permitiram que ele desembarcasse para buscar medicamentos, pois "nós tínhamos muitos doentes no navio. No nosso havia minha mulher e vários outros doentes que em virtude do calor estavam com disenteria e eczemas em formato de pés de galinha".

A segunda parte da viagem transcorreu de maneira, como se os emigrantes tivessem de ser compensados pela péssima primeira parte: *Finalmente no quinto dia veio o vapor de Gênova que nos levaria para o Brasil, aonde depois de uma viagem de 17 dias chegaríamos ao porto do Rio de Janeiro. Fomos mais felizes neste trajeto. Tivemos mais espaço e não tivemos mais tempestades; ainda morreram mais três pessoas, Anna Bloner von Weer e 2 crianças. "Éramos 416 pessoas quando nos desembarcaram."*

A chegada ao Brasil

As primeiras impressões que se teve do Brasil na qualidade de emigrante tirolês, não devem ter sido determinadas de forma decisiva apenas pelo local da chegada e pela personalidade do imigrante, mas também por seu status jurídico. Assim, o agricultor já era alertado imediatamente após seu período de quarentena obrigatória, que depois de ter sido examinado por médicos brasileiros de forma direta e brutal, ele era totalmente dependente do dono da propriedade agrícola, com quem ele já havia celebrado um contrato de trabalho em seu antigo lar, por intermédio de um agente. Vale lembrar que, aparentemente, nem ele nem os outros trabalhadores afetados não sabiam bem, em que eles estavam se metendo ao assinarem o contrato. Como imigrante que cresceu dentro da tradição tirolesa das sociedades de atiradores, ele ainda teve que entregar sua arma ao entrar no país, ele viu de repente a liberdade política no império constitucional tão apregoada pelos agentes sob uma luz completamente diferente.

Uma impressão diferente se obtem ao ler a carta que uma emigrante de Obsteig, Josefa Schöpf, escreveu para seus pais em 1865 da colônia Dona Francisca (atualmente Joinville) na província sulista de Santa Catarina.

No 62º dia de sua viagem marítima alcançaram a costa perto do porto marítimo brasileiro de São Francisco do Sul, o que desencadeou uma onda de "júbilo e alegria" dentre os passageiros. Depois que jogaram a âncora "tomamos nosso lanche e passamos a noite com nossos amigos". No dia seguinte prosseguiram viagem ao longo da costa com sua vegetação

exótica até São Francisco, onde finalmente desembarcaram. Um dia depois toda a bagagem foi transferida para canoas, com as quais os imigrantes finalmente chegaram a sua colônia, onde foram recepcionados por conterrâneos que haviam emigrado anteriormente.

O novo começo no Brasil

As primeiras impressões dos imigrantes eram marcadas por uma vegetação muito diferente, pelas condições climáticas insólitas da floresta e do sertão, e naturalmente por uma população que no porto de chegada e nas fazendas era formada por negros, brancos e por representantes de todos os matizes que permeavam tal população, enquanto no interior as diversas tribos indígenas encaravam os novos colonos que desmatavam a selva como invasores indesejáveis.

Também o religioso Rupert Bucher ficou admirado com a multiplicidade étnica na cidade portuária de São Francisco, cuja população ele descrevia como "a miscigenação mais nojenta de portugueses, mulatos gaiatos e negros que pareciam animais". Todavia, um diagnóstico desta natureza certamente não tinha uma carga tão pejorativa, como pode parecer aos leitores de hoje; na verdade este tipo de descrição fazia parte da tradição e das convenções daquela época. Conseqüentemente o Brasil era tido por um lado como um país misterioso dos sonhos de beleza paradisíaca, mas por outro era visto como o "país dos negros e macacos", onde faltava toda e qualquer superestrutura civilizatória e todo e qualquer refinamento, e onde até mesmo o palácio imperial chamava a atenção por sua desorganização e falta de limpeza.

A aquisição de terras dos colonos e a obtenção do título de propriedade

Foram concedidos terrenos/lotos às famílias de colonos, os quais eles tinham de pagar em prestações. Entretanto, o preço da terra era baixo e as condições de crédito eram favoráveis, pois o prazo de pagamento era de até cinco anos, sem juros. No

contrato redigido em português e alemão foram estabelecidas com exatidão as condições de aquisição das terras, dos subsídios para a aquisição do material e alimentos. Na designação do lote de terras fixaram também com detalhes os direitos e as obrigações que eram vinculados à aceitação das terras. *"Aceitando a terra o colono ampliava a derrubada da mata e se dedicava à plantação. No início ele não podia pensar em seu conforto, ele se alimentava e morava tal como os nativos"*.

Ernst Wagemann, que havia visitado em 1915 Santa Leopoldina, retrata aqui as condições existentes de uma época, quando o solo na região central do da região da colonização estava esgotado em virtude de seu uso intensivo para o cultivo de monoculturas, como a do café, e em vista do aumento natural da população os colonos se viram obrigados a ampliar continuamente sua área de colonização por meio da continuação da migração. O colono tinha que arcar com os custos da medição da terra que ele mesmo havia escolhido. Tendo em vista que ele não desmatava e cultivava conforme as diretrizes inflexíveis do cadastro [de terras] (registro de terras), freqüentemente o colono não recebia o título de propriedade de determinadas partes de sua área de roça, onde ele já havia investido muito de seu trabalho.

A população original

Como facilmente se pode imaginar, também aqui na região montanhosa do Espírito Santo, os colonos não tomavam posse da terra até então completamente desabitada, muito pelo contrário, aqui já viviam índios da tribo dos Botocudos. Para entender o absurdo da situação, na qual vivia agora a população indígena, tem-se ter presente, que estes "nativos", como eram chamados de forma acertada pelos falantes da língua alemã, eram os habitantes originais da região e "desde sempre" haviam habitado naquelas terras, antes de terem sido agraciados com a honra duvidosa, de serem "descobertos" pelos portugueses.

Todavia, os novos soberanos, premidos ou impulsionados pela obrigação de submeter todo o continente a seu pensamento deformado pela ânsia da exploração, do lucro e do poder, começaram então a administrar a terra de acordo com suas

próprias regras, a parcelar e a vender para colonos de fora. Para os índios esta lógica cínica do sistema não poderia ser pior, já que se viram diante da escolha, de pagar pela terra, onde eles desde sempre moraram ou desistiram delas e se estabeleceram, lá onde provisoriamente o colono que possuísse um título de direito concedido pelo fisco não quisesse fazer valer suas pretensões. Da ótica do colono, estas pretensões eram justas, afinal eles haviam pagado pelo seu direito de uso e tinha se comprometido com uma intenção verdadeira, a tirar desta terra os melhores frutos, para si e para o Estado por meio de seu trabalho.

Havia alguns indícios de que os colonos resolveram se ajeitar com os "nativos", de modo que ambas as partes tivessem benefícios. Este acordo consistia no avanço dos colonos e no recuo dos índios na floresta. De fato, o deslocamento dos índios naquele tempo era de grande interesse do governo brasileiro.

A região de colonização de Santa Leopoldina

O local fundado com o nome de *Porto do Cachoeiro* é hoje uma pequena cidade com cerca de 1.400 habitantes, predominantemente de descendentes luso-brasileiros. Como principal cidade do município com o mesmo nome, a atual Santa Leopoldina é sede regional e administrativa, de um banco, bem como de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços importantes. Ainda assim, 38,9 por cento das cerca de 330 casas pertenciam a descendentes de colonos de origem germânica no ano de 1980. Este percentual, entretanto, baixou para 33% no ano de 1987 e continua diminuindo.

Não se poderia definir Santa Leopoldina como uma "cidade escolar". Dos assentamentos isolados espalhados nas "colônias" pode-se diferenciar o local principal pelo fato de que aqui os alunos também freqüentam o segundo grau (atualmente ensino médio), enquanto que na Colônia Tirol e nos outros assentamentos só há os quatro primeiros anos do primeiro grau (atualmente ensino fundamental).

Deve-se ressaltar também dentre as outras instituições presentes em Santa Leopoldina o hospital, o qual é muito

importante para toda a região colonizada antigamente, inclusive pelos pomeranos.

No mais, a cidade que antigamente, na época do boom do café antes da virada do século XIX, era o ponto comercial mais importante da região parou de se desenvolver e hoje está estagnada.

O desenvolvimento histórico da Colônia Santa Leopoldina

De acordo com Francisco Schwarz, o cronista da imperatriz Leopoldina, antes da metade do século XIX, apenas uma pequena região do município atual era explorada economicamente, o qual estava localizado rio abaixo com relação à atual cidade Santa Leopoldina. Os colonos eram brasileiros de origem portuguesa que produziam, sobretudo, cana-de-açúcar e café, mediante a utilização de mão-de-obra escrava, além de milho, feijão preto, mandioca, banana e laranjas. Antes dessa colonização luso-brasileira, havia na região mencionada duas aldeias indígenas, onde moravam mais de 1500 habitantes no século XVI, quando três missionários portugueses passaram a cuidar deles. Entretanto, em 1564 os padres faleceram em decorrência de uma epidemia que também matou um grande número de índios. A aldeia missionária que havia no local, onde hoje é Santa Leopoldina, chamava-se *Nossa Senhora da Conceição*.

A base jurídica para o planejamento de uma urbanização colonial desta região montanhosa na cabeceira do Rio Santa Maria foi lançada em 15 de dezembro 1855, quando o ministro do interior daquela época, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, anunciou ao governador do Espírito Santo a deliberação do governo de que, na região da cachoeira do rio Santa Maria da Vitória deveria ser criada uma colônia a ser povoada por colonos estrangeiros.

Em virtude das primeiras medições foi traçada ao longo do rio uma estrada com cerca de 20 quilômetros de extensão e que deveria fazer a ligação entre a região da colonização e o porto de Santa Leopoldina. Este porto é um pequeno alargamento logo abaixo da cachoeira, onde os barcos de transporte podiam atracar.

Neste porto fluvial, e mais precisamente no cais de embarque e desembarque das canoas, desenvolveu-se o núcleo de assentamento de *Porto do Cachoeiro*, que cresceu ao longo do rio e se transformou na atual cidadezinha de Santa Leopoldina.

A visita do imperador à colônia

A importância que se deu a essa colônia naquela época por parte das autoridades, é esclarecida pelo fato de que o imperador Dom Pedro II, filho de Leopoldina, um dos vultos mais nobres e de seu tempo, em 28 de janeiro de 1860 realizou uma visita a Porto do Cachoeiro, que na ocasião mal havia começado a se desenvolver.

Toda a colônia contava na época com 1.003 moradores, sendo 979 deles imigrantes europeus. Dentre estes, 593 alemães constituíam o maior grupo, os 384 "prussianos" - dentre eles a maioria deve ter vindo da Renânia inclusive de Hunsrück, bem como da Vestfália, regiões que estavam sob a administração da Prússia na ocasião. Os grupos restantes eram formados de acordo com seus respectivos tamanhos: 120 holandeses, 104 suíços e 70 luxemburgueses. O número dos tirolêses atingia 82; tal como os luxemburgueses, eles chegaram no ano da visita do imperador, ou seja, em 1859. Mais de dois terços dos imigrantes eram protestantes, o restante era de católicos.

Só havia casas de sapé nas redondezas, sendo que uma delas era o prédio da direção da colônia no local, que era previsto para ser o centro de Porto do Cachoeiro. Dentre os dez prédios restantes na praça da cidade havia uma casa de hospedagem para colonos recém chegados. Com relação a outros estabelecimentos de abastecimento havia aqui em 1860 uma grande mercearia administrada por um brasileiro, um alemão chamado Braun, que trabalhava provisoriamente como médico e um padeiro italiano. As casas restantes eram habitadas pelos funcionários públicos da colônia e suas famílias.

Não havia nenhuma igreja em Porto do Cachoeiro até então, havia somente uma capela de Nossa Senhora erguida em 1857. Ela surgiu porque o colono português Joaquim Claudio de

Freitas sempre levava consigo uma imagem da Nossa Senhora, quando ele viajava de canoa de seu domicílio em Barra de Mangaraí para Porto. O ícone tinha a função de protegê-lo contra os ataques dos Bugres, que eram de uma tribo de índios que ameaçavam e às vezes matavam os viajantes daquele tempo.

As condições de saúde dos colonos não eram as melhores. Relataram ao imperador os problemas de aclimatização, bem como o aparecimento de hidropisia e outras doenças. A única escola da região de colonização ficava evidentemente fora da praça da cidade e quem cuidava dela era um brasileiro. O imperador assistiu a uma aula e fez algumas anotações em seu diário de viagem, que atualmente encontra-se no museu imperial de Petrópolis.

De acordo com o cronista, o imperador tomou um tempo antes desta visita para conversar com os filhos dos colonos, que fizeram uma apresentação de valsa ao som de uma flauta em sua homenagem. O imperador falou alemão com as crianças, idioma que ele certamente deve ter aprendido com seus irmãos mais velhos antes de seus estudos completos no exterior, pois perdeu sua mãe, Leopoldina, já em 1826, logo depois de ele completar um ano de idade.

Evidentemente a visita do imperador teve um efeito positivo na colônia, pois a direção da colônia, sobre a qual Johann Jakob von Tschudi realizou uma avaliação péssima, foi totalmente reformulada após sua visita.

Produção e comercialização do café

O principal ganho da geração de imigrantes brasileiros em meados do século XIX, da qual os tirolêses também faziam parte, constituía-se no trabalho intensivo para a produção de café. Depois do pau-brasil nativo e da cana-de-açúcar importada do Egito e cultivada nas plantações do Brasil, que geraram prosperidade à pátria-mãe portuguesa no primeiro século da colônia, e depois da corrida ao ouro, não menos lucrativa no século XVIII, agora era o desenvolvimento e incremento do comércio do café que trazia ao país riqueza e que somente seria superado, ou melhor,

interrompido entre 1880 e 1920 pelo boom passageiro da borracha no leito do Amazonas. Mas como o cultivo do café exigia um trabalho intensivo, além do fato de que o emprego de escravos não era mais possível, o governo incentivava a imigração de famílias numerosas e investia muito dinheiro nos programas de colonização. Entretanto, não havia nenhuma garantia de que uma administração da colônia incompetente ou corrupta não fosse impedir o sucesso desejado destes investimentos.

A vida solitária no assentamento disperso

Após os anos amargos de um começo frequentemente difícil demais, as condições de vida dos colonos na região de colonização de Porto do Cachoeiro, que em 1867 recebeu o nome de Santa Leopoldina, melhoraram gradualmente com safras, produtos, lucros da produção de café. Ao mesmo tempo a praça da cidade tornou-se oficialmente sede da administração da colônia.

Pouco a pouco aquela região da floresta isolada ganhou vida. Os estabelecimentos espalhados dos colonos provenientes da Suíça, Luxemburgo, Holanda, Tirol, da região de Hunsrück, Vestfália e logo também da Pomerânia eram abastecidos por uma rede de vendas, que os falantes do alemão chamavam de "Venden". Trata-se de armazéns que oferecem todo o tipo de mercadorias, que ainda hoje também hoje suprem as necessidades básicas dos colonos com uma gama ampla de ofertas. Nesses estabelecimentos também se pode comprar fumo e bebidas. E, desta forma, a venda se tornou o único local em uma região pouco povoada, onde eram possíveis os contatos sociais entre os habitantes dos sítios isolados, distantes uns dos outros. Eram os donos das vendas que frequentemente também organizavam as chamadas *Tropas*. Uma tropa era uma caravana de mulas, na maioria das vezes com 13 animais. Assim, geralmente eram os *tropeiros*, que levavam o café e outros produtos para um assentamento central e não os próprios colonos. Estes economizavam, desta forma, as despesas com animais de carga que eram muito caros no Espírito Santo bem como um

tempo precioso, pois só a viagem de ida e volta a pé da Colônia Tirol para o "Port" durava o dia inteiro.

Com a fundação das pequenas igrejas e capelas que ficavam distantes umas das outras, também se supriu uma importante função social com a participação dos colonos nos cultos religiosos.

Santa Leopoldina como portal para o mundo

Santa Leopoldina cresceu e se tornou rapidamente um centro econômico, cuja importância para a região das montanhas do Espírito Santo não ficava nada a dever à Vitória, pois muitas mercadorias importadas, que chegavam ao porto da capital, eram transferidas para canoas e transportadas diretamente para Porto do Cachoeiro. Finalmente, por volta da virada do século esta região de entrada do centro comercial alcançou até seu estado vizinho, Minas Gerais.

Logo surgiu ao longo do rio a rua de comércio com as lojas de dois andares, que para o lado da margem do rio eram dotadas com alpendres e abrigos abertos para as mulas. Ainda hoje se pode ver uma ou outra *Bica* voltada para as margens do rio; é um escorregador de pedras por onde corriam as sacas de café para cair nas canoas. Uma canoa podia carregar até 300 sacas de café.

Os estabelecimentos comerciais daqui pegavam os produtos dos colonos e providenciavam o carregamento das mercadorias nas embarcações e o encaminhamento para a cidade de Vitória, que ficava a 65 quilômetros de distância e a doze horas de viagem. Chegando lá o café era despachado para o mundo todo pelo oceano Atlântico. Muitas das casas comerciais de Santa Leopoldina alcançaram prosperidade considerável. Duas das maiores delas, era a família *Vervloet*, procedente da Holanda, e a família *Holzmeister*, procedente de Fulpmes em Stubaital.

A família de emigrantes tirolêses Holzmeister

A casa do imigrante tirolês, procedente de Fulpmes em Stubaital, Johann Holzmeister, que ascendeu à condição de

comerciante próspero em Santa Leopoldina, é hoje o museu da cidade. Na verdade os negócios de Holzmeister no Espírito Santo corriam extraordinariamente bem, mas todos os seus sete filhos nascidos no Brasil morreram de malária. Por isso ele voltou em 1874 para Stubaial sem filhos, mas rico. Em seu documento de viagem ele mandou registrar sua profissão: *milionário*. Dois de seus filhos do segundo casamento nasceram finalmente em Fulpmes, e se chamavam Urbano e Clemens. Um se tornou um estudioso dos jesuítas em Roma e outro se tornou um arquiteto conhecido mundialmente e reitor da academia de artes de Viena.

O pai de Clemens Holzmeister, Johann, tinha 23 anos e era solteiro quando emigrou em maio de 1859. Ele era o segundo filho mais velho da família formada por nove membros de Ignaz Holzmeister, que era ajudante de ferreiro em Fulp-mes e que mais tarde se tornou taberneiro. Entretanto, o pai contraiu cólera durante a travessia e morreu no navio com cinquenta anos. Sua esposa, que também era de Fulpmes, Maria, cujo nome de solteira era Fieg, chegou ao Rio de Janeiro como viúva com sete filhos, sendo que por sorte alguns deles já eram adultos.

As condições em 1860

Primeiramente foi plantado, sobretudo milho, que servia de alimento tanto para os patos e as galinhas, como para fazer a polenta que os próprios colonos comiam. Logo depois das necessidades básicas de moradia terem sido supridas, os moradores passaram para a construção de uma ferraria. Em uma redondeza na qual não se podia dar um passo à frente sem a utilização de um facão e na qual só se podiam abrir os caminhos mais importantes com os ganchos, pás e picaretas, as ferramentas de ferro eram essenciais. O fato de eles mesmos consertarem seus instrumentos e com isso economizarem para novas aquisições sempre necessárias, indica o zelo e a energia com que os tirolêses iam trabalhar.

Atualmente existem três ferreiros na Colônia Tirol. Eles forjam ainda hoje seus próprios balões para carbonizar madeiras e trabalham com ferramentas tradicionais. Sua matéria-prima, o

aço, é mais barata hoje em dia do que naquela época, porque para fabricar as facas e as foices eles utilizam molas de lâminas inutilizadas de veículos.

O "armazém" não fornecia apenas os gêneros de primeira necessidade, mas também oferecia "em profusão outros artigos que podiam ser adquiridos com dinheiro em espécie ou a crédito".

A gente se pergunta, como é que os agricultores no início de suas novas vidas conseguiam ganhar dinheiro para compensar e saldar suas contas de crédito, quando ainda não tinham café ou qualquer outro produto de fácil colocação no mercado para vender. Em todo caso, era certo que havia trabalho pago, também para pessoas sem uma formação profissional, como para artesãos, supostamente na construção das principais vias de ligação, bem como para outros projetos da administração da colônia, como por exemplo, no trabalho de desmatamento ou construção junto à praça da cidade, na ampliação do porto, na construção da ponte sobre o rio Santa Maria ou como ajudante dos agrimensores.

No que se refere à consciência profissional dos colonos na região de colonização, "domina uma grande diversidade: alguns são trabalhadores, outros são perdulários e vivem ao Deus dará". É praticamente evidente, que dentre os trabalhadores os "tirolêses tenham a prioridade", fato que o repórter não deixa de ressaltar devidamente em um artigo de jornal. O "Mensageiro do Tirol e Vorarlberg" prossegue citando uma parte da carta de Josef Helmers de Thaur junto a Innsbruck: *Prossequindo, este colono relata que ele e sua família estariam vivendo tão bem quanto "um rei", eles têm todo dia carne de boi fresca, trigo, farinha de milho, feijão preto, que são muito nutritivos, arroz e café em abundância; de vez em quando também tem um pato, o qual se consegue com certa dificuldade, em virtude da "impenetrabilidade da floresta", pois não seria possível dar um passo sem o uso de uma arma de corte.*

As condições em 1863

A informação citada na última parte do texto acima, que

parece antes de tudo ser o extrato de um texto de propaganda de um agente de colonização, é confirmada na carta do emigrante Franz Schopf de Oberstrass, do município de Obsteig, carta esta não destinada à publicação em jornal. Em 1863 ele escreve à sua irmã Josefa, que também está disposta a emigrar, o que segue: *Estou vivendo, graças a Deus, ano a ano cada dia melhor, e eu não trocaria mais de lugar com os grandes agricultores, pois aqui eu tenho menos preocupação e o pão de cada dia, pois se podem colher frutas o ano inteiro. Eu tenho tantos porcos quantos necessito e tantas galinhas quantas eu quero, nós temos sempre de trinta a quarenta. Aos domingos e nos feriados nós sempre abatemos uma. Vamos vivendo bem, estamos satisfeitos.*

Mas ele lembra também, como foi duro o início no Brasil e aconselha que emigrem apenas aqueles que tragam força e energia suficientes para superar os obstáculos iniciais.

Assim, enquanto o Franz Schopf informa a sua irmã sobre o desenvolvimento da colônia e, tranquilamente lhe assegura que não seria necessário trazer sementes da Áustria e que "porcos, galinhas e cabras" teriam o suficiente na colônia, ele deixa avisar aos animados rapazes que querem emigrar, que eles deveriam trazer consigo mulheres, porque aqui tem poucas (= são a minoria) e muitos rapazes aqui esperam por mulheres.

Conforme o relato de Franz Schopf podia-se escolher entre dois tipos básicos de sem-terras: ou se adquiria uma "colônia", que na verdade era medida/agrimensurada, mas que fora disso não estava preparada para o cultivo e assim não era nada além do que um pedaço de floresta do tamanho de 60.000 "braças quadradas", o que equivalia a uma área de cerca de 29 hectares (1 braça = de 2,20 m). Isto custava 30 mil reis, o que se podia angariar em uma semana da empreitada. Ou então se adquiria um pedaço de terra do mesmo tamanho, mas um sexto dela já era desmatado e tinha uma choupana. Isto custava 90 mil reis.

Uma outra carta reveladora vem de Josef Walcher de Oberhofen no Inntal. Ele ainda não pode "se gabar de ter atingido a prosperidade, mas também não pode reclamar de uma eventual necessidade". Na verdade, como ele próprio escreve, "a

lembrança do Tirol permanece sagrada e abençoada", mas ainda assim ele "não deseja voltar a viver a situação em que ele vivia lá". Um outro motivo para isso deve ter sido também o sistema político, sob o qual sua antiga pátria vivia. De qualquer forma, parece que a forma de governo brasileiro corresponde mais a sua visão política do que a administração política na Áustria dos Habsburgos, e aos poucos parece se aflorar dentre os tirolêses também um sentimento de gratidão intrínseco perante o novo lar cravado na floresta.

A região de colonização de Santa Leopoldina conforme o parecer de Johann Jakob von Tschudi

Como já foi dito anteriormente, por volta de meados do século XIX prevaleceu a idéia no governo brasileiro de que as riquezas do país, fora dos latifúndios, só podiam ser exploradas com a ajuda de colonos estrangeiros, que na qualidade de primeiros colonos voluntários desmatavam e cultivavam para proveito próprio o lote de terra que lhes havia sido concedido. Uma vez que, além disso, a questão era superar a economia escravagista e estabelecer no Brasil uma classe média branca trabalhadora, os colonos mesmos não podiam possuir escravos, em compensação, eles recebiam subsídios por parte do Estado nos primeiros anos por sua função pioneira como trabalhadores. Que rios de dinheiro podiam assorear em grande parte na engrenagem de uma administração da colônia incompetente, também os emigrantes tirolêses no município de Santa Leopoldina tiveram que acabar aprendendo. Josef Walcher de Oberhofen em Inntal vai direto ao ponto quando afirma que: "nosso assentamento Leopoldina tem sido prejudicado até agora pelo fato de que os antigos administradores colocaram no próprio bolso o dinheiro que nos era destinado pelo governo".

A arbitrariedade dos diretores da colônia também pode ter sido estimulada pelo fato de que, por razões práticas, a administração de uma colônia em seu estágio inicial tinha um cunho mais autoritário. Somente quando a fundação nova foi elevada a município, o estilo da administração tornou-se em

princípio democrática, o que se refletia formalmente também por meio de uma mudança das funções: o diretor foi substituído para um prefeito, o escrevente deu seu lugar para um tabelião e o agrimensor foi substituído por um cobrador de impostos.

A colonização de Leopoldina se iniciou em 1857 com 140 suíços. Quando em 1860 Johann Jakob von Tschudi visitou seus conterrâneos, ainda viviam 104 deles nesta colônia. Quantos deles morreram e quantos deles, resignados, talvez tenham migrado novamente, não é possível definir. Mas talvez a divergência dos dados se deva ainda a erros relativos a seu levantamento. De qualquer forma, Tschudi sempre encontra as mesmas queixas de seus conterrâneos desmoralizados e desesperados em Santa Leopoldina: "Nós podemos trabalhar com todo afinco, mas isso não nos adianta em nada; o solo é tão ruim, que não conseguiremos nos desenvolver mais."

Qualidade do solo e condições do terreno

A culpa pelas tristes condições nas quais Tschudi encontrou seus conterrâneos não era só, no seu entendimento, uma administração da colônia desregrada, mas também os solos em grande parte infrutíferos. Em geral, Tschudi considera que a qualidade "do solo não prestava para a colonização" e acredita "que em Santa Leopoldina o solo se torna mais rapidamente estéril em virtude da cultura, do que qualquer outra colônia". Tal afirmação mostrou-se verdadeira, como sabemos hoje.

Na opinião de Tschudi, também os agrimensores eram corruptos e atribuíam aos colonos parcelas que eram menores que as 62.500 braças quadradas (= cerca de 27,56 hectares) previstas em lei. E ainda que a qualidade do solo se mostrasse – mesmo de forma passageira! – ser melhor do que pareciam originalmente, Ernst Wagemann constatou também, 55 anos depois das do diagnóstico de Tschudi, que a qualidade do solo em Santa Leopoldina era a pior, em contrapartida, o melhor solo ficava na planície, sobretudo no vale do rio Guandu. Mas até aqui os colonos ainda deviam avançar, na chamada "terra quente", através do crescimento da população e do esgotamento do solo

ocasionado pela migração interna, somente muito depois da virada do século.

As colônias de lavoura de Santa Leopoldina 55 anos após Tschudi

Ernst Wagemann ao visitar Santa Leopoldina em 1915, a exportação do café da província já havia ultrapassado seu primeiro apogeu, quando em 1897 foram embarcados 2,4 milhões de arrobas de café (= 35.280 toneladas) em canoas rumo a Vitória. Estas boas safras sugeriam naturalmente a conclusão de que a qualidade do solo era melhor do que aparentava no início, como se pode constatar posteriormente.

As condições também haviam evoluído, de acordo com Wagemann, logo depois da visita de Tschudi e graças às muitas melhorias introduzidas pelo pastor protestante Reuther, que residia lá desde junho de 1864 e que havia sido mandado para Santa Leopoldina por intermédio de Tschudi. Aliás, esse progresso mostra repetidamente também na história de outras colônias, que a atuação de personalidades isoladas pode ter um efeito extremamente positivo sobre o desenvolvimento das comunidades de colonos.

A nomeação de um pastor para Santa Leopoldina não foi a única medida relativa ao pessoal daquela época, muito pelo contrário, a colônia também recebeu um novo diretor, mais exatamente, o botânico alemão Dr. Rudio, que com certeza também colaborou muito para ao incremento das condições [de vida na colônia]. A nomeação de um novo diretor pode ter sido uma consequência da visita do imperador no ano de 1860.

Por fim, a chegada também dos pomeranos, que desde 1872 haviam emigrado aos milhares para cá, seguramente contribuiu em ampla escala para o desenvolvimento da região. Entretanto, atualmente eles têm seu próprio distrito administrativo e levam ao mercado os mesmos produtos dos agricultores de Santa Leopoldina, seus grandes concorrentes.

Migração, remigração e migração posterior

Na verdade, já no século XIX havia se instituído o esgotamento do solo, entretanto houve uma desistência do cultivo da terra de grandes proporções somente depois da queda do preço do café em 1929. Mas o aumento da população dentre os imigrantes já havia levado anteriormente, como era de se esperar, muitos jovens a emigrarem de suas regiões, e com isso expandirem a região de assentamentos de europeus no Espírito Santo, que mais ou menos em 1914 chegou ao vale do Rio Guandú. Ocasionalmente alguns emigrantes retornaram ao velho lar, entretanto somente os comerciantes bem sucedidos, como Johann Holzmeister, tiveram condições de fazer isso, e não os agricultores.

Cerca de dez anos existem também alguns casos de rapazes da Colônia Tirol, que vivem na Áustria para estudar ou para trabalhar como emigrante.⁴

No que se refere a uma eventual emigração posterior, os relatos positivos como os dos emigrantes Josef Helmer de Thaur e Franz Schopf de Obsteig devem ter contribuído para que outros tirolêses resolvessem emigrar para o Brasil. Mas eles não pertenciam ao grupo maior de "tirolêses" que emigraram em 1875, e sobre os quais relata o cronista Francisco Schwarz. Muito pelo contrário, estes imigrantes que chegaram ao Rio em 9 de maio de 1875 com o vapor Rivadavia, de onde eles prosseguiram viagem para Santa Leopoldina, eram falantes da língua italiana da circunscrição de Trento (Trient), que pertencia naquele tempo ao Tirol. Em Santa Leopoldina estes imigrantes de Trento se decidiram pelos sem-terras junto ao Rio Timbuy mais ao norte, onde hoje é o município de Santa Teresa e o centro da imigração italiana do Espírito Santo.

Ascensão e declínio econômico de uma região

A tradição também sabe que depois da Primeira Grande Guerra os cafeicultores queriam ajudar as pessoas de seu antigo

lar. Eles mandavam dinheiro para este lar distante, que eles vinculavam vagamente com o conceito "Alemanha". O dinheiro que chegava supostamente na diocese mais rica e poderosa, ou seja, Colônia. O arcebispo mandou agradecer muito.

O mais tardar com a crise econômica mundial dos anos vinte e a quebra da bolsa de Nova York de 1929, o preço do café despencou e teve início o processo de empobrecimento dos colonos nas Colônias *Tirol, Suíça, Luxemburgo ou Holanda*, onde eles sempre foram agricultores e nunca comerciantes. E visto também que a política de cartel, que pensa em termos de mercado mundial de nossos dias, não se preocupa com o bem-estar de um pequeno agricultor das montanhas brasileiras, o pequeno mundo dos tirolêses e dos outros colonos europeus tornou-se o que hoje mesmo para o pequeno pobre brasileiro na pequena pobre cidade de Santa Leopoldina é: *A pobre Europa*.

A cidade de Santa Leopoldina ainda hoje não se recuperou da derrocada do comércio do café. Quando em 1929 foi construída uma estrada de ligação para Vitória, a cidadezinha junto à cachoeira perdeu também sua importância como porto e entreposto e, assim também sua importância como portal do comércio supra regional. Mesmo com o acabamento da "máquina de café" de Santa Leopoldina em 1937, isto é, uma secadora e descascadora para café recém colhido, não se pode mais dar um novo impulso ao comércio daqui, porque neste interim o estado brasileiro do Paraná havia se tornado o fornecedor principal e mais barato de café.

A Colônia Tirol de Santa Leopoldina em 1992

As condições de vida

Eu mesmo, autor deste livro Wilfried Schabus, visitei a região da colônia de Santa Leopoldina em 1992 e o que eu relatei na época, depois de minha estada com os tirolêses de Santa Leopoldina, coincide com o diagnóstico realizado por Tschudi, mesmo eu não tendo conhecimento dele, já que não eu conhecia na ocasião seus textos sobre a América do Sul.

Constatei que o terreno arável dos colonos na Colônia Tirol-Califórnia estava completamente depauperado e que sem adubo não era mais produtivo. Tendo em vista o fato de que não se criava gado no local, era necessário o uso de adubo químico, mas os colonos não teriam condições de adquiri-lo. Além disso, chamou minha atenção o fato de que o assentamento não dispõe de nenhum tipo de centro na localidade e eu notei nos sítios isolados e muito espalhados que ao lado da satisfação dos despretensiosos também havia uma resignação profunda.

Lá fora chove, a gente sente frio por causa das frestas nas janelas sem vidro e porque não se pode dar ao luxo de comprar roupas quentes, tem coriza e se sente miserável. Pode-se observar que muitos dos colonos apresentam depressão, melancolia e falta de vontade. Anna Schöpf e seu irmão que vivem em uma choupana sem energia elétrica e sem água às margens de um bananal têm lepra.

Muitos jovens já emigraram para a cidade, onde trabalhadores sem qualificação levam uma vida miserável. Alguns dos proprietários de terra também pulavam de emprego para emprego. Também quem herda muita terra sente frequentemente pouca vontade de lavrá-la. Assim por exemplo, um deles que havia herdado de seu tio tirolês 350 hectares de terras, as vendeu por um preço muito baixo a um homem de Vitória. Este nomeou um outro tirolês como administrador e o antigo proprietário daquela grande extensão de terras é hoje vigia noturno em Cariacica. Muitos outros tirolêses trocaram suas terras por uma pequena renda vitalícia com pessoas de Vitória, que construíram aqui uma segunda moradia habitual e frequentemente contratam um administrador "negro" para cuidar da terra. Em alguns casos, o próprio colono que era o antigo dono das terras administra para os novos proprietários, que em sua maioria são ricos e têm o "sítio" como hobby, mas recebem apenas a metade da renda obtida e a outra metade pertence agora ao novo proprietário de terras. Assim, no final das contas, o colono se tornou arrendatário rural, [o antigo meeiro], e desta forma, volta espontaneamente a um status que há mais de um século era considerado lastimável,

que era o de escravo, e do qual seus antepassados queriam fugir a qualquer preço.

A urbanização é insuficiente no que se refere às vias de ligação. Enquanto antigamente se utilizava mulas para o transporte de cargas, hoje o colono arrasta com suas próprias mãos em sacos plásticos a pequena quantidade de esterco para a área de cultivo, porque os burros foram vendidos há muito tempo para se conseguir dinheiro em espécie e desde então nunca tiveram condições de adquirir outros animais de carga. As perspectivas de futuro, sobretudo das crianças, são encaradas com preocupação. E assim as pessoas depositam suas esperanças em um conceito de desenvolvimento eficiente, em algum projeto de sucesso, ou simplesmente em um milagre.

Isto mostra que os colonos na Colônia Tirol, que antigamente investiram tanta energia em seu novo começo no Brasil, acabaram numa triste situação, parecida com aquela em que os suíços tinham estado já há mais de 130 anos. Os repetidos colapsos do comércio do café no passado são culpa pela decadência sócioeconômica, a perda da importância de Santa Leopoldina como porto de comércio e a incapacidade, tanto por parte da administração municipal quanto por parte dos colonos, de se adaptarem às mudanças. Mas como um pequeno agricultor deve reagir às mudanças das necessidades do mercado, se seu solo está esgotado, as condições de crédito para a administração de sua terra o levariam à ruína completa, e sem crédito ele nem sequer consegue comprar adubo?

Projetos de assistência da antiga pátria

A descrição prévia da situação refere-se, portanto, ao ano de 1992. Pouco mais de três anos depois a Colônia Tirol mal se pode reconhecer. Surgiram novos prédios, mas o mais importante foi o novo ânimo que se pode perceber no lugar do desalento que dominava a população local. Na época em que a carta de pedido de ajuda foi escrita, ninguém na Colônia Tirol acreditava que alguma coisa iria mudar de fato. Mas as mudanças para melhor

aconteceram e a Colônia Tirol passou a ser conhecida, graças ao Dr. Norbert Hölzl da rede de televisão austríaca ORF, que descreveu em uma reportagem impressionante na televisão a triste situação de seus moradores. Tal reportagem também fez aumentar em muito a disposição dos austríacos de fazer donativos. No início de 1993, quando uma delegação de tirolêses liderada pelo ex-governador do estado do Tirol Dr. Alois Partl visitou a Colônia, juntamente com Dr. Franz Krösbacher e Dr. Hittmair, e, em vista da triste situação que presenciou, prometeu ajudar na aquisição do caminhão há muito almejado, ninguém acreditou que isto fosse acontecer. Mas esta promessa foi cumprida prontamente e foi comprado um caminhão, financiado com os recursos da assistência para países em desenvolvimento do governo estadual do Tirol e de Vorarlberg. Foi necessário então encontrar alguém que também soubesse dirigir o caminhão, pois na época nem sequer um único tirolês tinha uma carteira de habilitação. Tar-cisio Thomas, o filho de Camilo, se dispôs a fazer a carteira de motorista. Ele conseguiu passar já em sua primeira tentativa no exame, o que também no Brasil é difícil. Este foi o primeiro passo, para que os tirolêses pudessem vender seus produtos diretamente em Vitória. As margens de lucro eram pequenas em virtude dos preços de venda baixos e do alto custo do transporte, mas de qualquer forma era a primeira vez que obtinham lucro. Hoje os esforços estão voltados para o refinamento dos produtos, isto é, estão produzindo e vendendo produtos mais caros, como geléias, licores ou frutas exóticas em vez de bananas ou de café, o que possibilita maiores margens de lucro.

Além disso, a indústria Jenbacher doou uma pick-up da Volkswagen para transportar cargas mais leves e pessoas. Tem-se que imaginar que este é o primeiro veículo que foi colocado à disposição dos tirolêses.

A visita da delegação de tirolêses, que também contou com a presença do prefeito de Santa Leopoldina, Sr. Lepaus, resultou na promessa da construção de um jardim de infância, que iniciou suas atividades em outono de 1994. A necessidade de um jardim de infância pode parecer absurda à primeira vista, mas olhando

para trás, pode-se afirmar que desde sua construção os contatos sociais entre as famílias e em especial entre as crianças tornaram-se muito mais intensos, e o mais importante é que a nutrição e o estado de saúde das crianças melhoraram muito. Elas recebem uma alimentação mais balanceada e uma melhor assistência à saúde. A diretora do jardim de infância teve a iniciativa de conseguir tratamento dentário para as crianças, embora a maioria de seus pais nunca tenha visto um dentista na vida.

A partir do outono de 1994, o professor da Universidade do Tirol, Gerhard Renzler, foi enviado à Colônia pelo governo estadual do Tirol, como assistente de desenvolvimento, para realizar e monitorar outros projetos de assistência no local. Primeiramente iniciaram a construção de um posto telefônico. O telefone seria o primeiro, fora o já existente na cidade principal do município, embora o município de Santa Leopoldina com uma extensão de 724 km² não seja exatamente pequeno. Com alguns adiantamentos e apesar das dificuldades na instalação em virtude da topografia montanhosa da região, o telefone pode ser colocado em funcionamento em março de 1995. O telefone tem uma importância grande, porque as distâncias são grandes e os caminhos ruins. Assim pode-se chamar o médico em casos de emergência, tramitar encomendas para o mercado em Vitória e fazer reservas para a pousada que ficou pronta neste meio de tempo.

O governo estadual do Tirol comprou uma Kombi, para suprir a necessidade crescente de transporte de pessoas. O número de visitantes também aumentou neste íterim, o que fez com que o ônibus passasse a ser utilizado também como táxi. Com a renda obtida dos serviços de táxi podem ser custeadas as despesas com o uso e a manutenção do veículo.

Ainda como consequência dos projetos de assistência, as famílias mais pobres passaram a ter à disposição máquinas de costura, lavadoras, bicicletas, canos para o abastecimento de água etc. As famílias que tinha as piores casas receberam financiamento para adquirir o material de construção, entretanto, eles mesmos tinham que construir as casas. Este fato reflete a filosofia dos projetos de assistência, segundo a qual o assistido

também tem que dar sua própria contribuição, para dar o devido valor às novas conquistas.

O próximo grande projeto foi a eletrificação das casas, o que foi importante em especial para o funcionamento de refrigeradores, já que sem uma geladeira é difícil conservar os alimentos nas altas temperaturas do verão e também evitar a propagação de doenças causadas por alimentos estragados.

Para a eletrificação mencionada acima foi necessário primeiramente construir a maior parte da rede elétrica. Até a casa de Camilo já havia a rede, sua instalação ele mesmo já havia providenciado com seus próprios recursos. A eletrificação também configurava como uma corrida de obstáculos. Assim, por causa do empasse da produção, o cabo necessário não estava disponível durante meses; os pesados postes de concreto utilizados para a instalação da rede quebraram diversas vezes durante seu carregamento ou o caminhão com o poste não conseguia entrar em Colônia, devido a violentas tempestades que haviam transformado os caminhos em verdadeiros atoleiros. Também os pesados transformadores tinham que ser levados à locais de difícil acesso e instalados junto aos postes, e que não se podia chegar com um guindaste. Um desses caminhões deslizou na estrada e quase caiu em um bananal e só foi retirado depois de horas escavando valas e com a ajuda de um segundo caminhão. Em virtude destas dificuldades e de outros riscos, algumas transportadoras se recusavam a realizar entregas na Colônia.

Da mesma forma foi financiada uma pousada com donativos em dinheiro de particulares e recursos do governo estadual do Tirol. Atualmente a pousada acomoda confortavelmente 16 pessoas em quatro cômodos de quatro camas. Havendo necessidade ainda podem ser colocadas camas extras nos cômodos espaçosos; cada cômodo dispõe de um chuveiro e um sanitário. Foi construída uma estação de tratamento para as águas residuais (esgoto) para o novo centro da cidade, que consiste em uma pousada, jardim de infância, centro cultural, posto de saúde, posto telefônico e a casa de Camilo Thomas. Caso a capacidade de leitos não seja suficiente, estão à

disposição na pousada Widum ao lado da igreja, a cerca de cinco quilômetros do novo centro, outros quartos para hóspedes. A pousada Widum foi arrendada pelo proprietário da Missão de Steyler e reformada uma vez que estava em péssimas condições de conservação. A situação das reservas é excelente. O salão de hóspedes está muito bem arrumado e comporta até mais de 100 pessoas. Com isso a pousada tornou-se um centro social da região, onde se pode comentar as novidades e discutir os problemas com uma agradável cervejinha.

A pousada também teve grande repercussão dentre os habitantes de Vitória, o que garantiu a entrada de rendas adicionais, que são revertidas em prol da comunidade. A pousada foi doada na verdade para a Cooperativa AGRITICAL e arrendada por Edinette e Geraldo Thomas. Além disso, a pousada, dependendo da necessidade, emprega até sete moradores da Colônia.

Uma ação de assistência, por parte de particulares da cidade de Reutte no Tirol, encheu um container inteiro com roupas e distribuiu na Colônia. Além disso, esta ação juntou dinheiro o bastante para construir um pequeno hospital perto da pousada, e isto já foi feito. Este hospital deve ter um consultório para um dentista e para um médico clínico-geral. Lá são abrigados quatro leitos e um pequeno apartamento para o médico e a enfermeira. Em virtude das péssimas condições do hospital de Santa Leopoldina, sem dúvida alguma, montar o próprio posto de saúde foi uma excelente decisão. Em Vitória existem ótimos hospitais, mas tendo em vista que para os habitantes de Santa Leopoldina é difícil a locomoção, somente em casos muito graves é que são levados para lá.

Desde fevereiro de 1994, Dr. Alber-naz vem todo segundo sábado do mês de Vitória para a Colônia, para assegurar a prestação de serviço médico mais necessário, e isso sem cobrar nada. Ele havia tomado conhecimento da existência dos tirolêses por meio de um artigo de jornal, ficou interessado neles e resolveu visitá-los.

Obteve-se a promessa de apoio por parte do município de Santa Leopoldina para o fornecimento de serviços odontológicos

e a pedido do governo estadual do Tirol foi realizado um projeto de cooperação com um dentista brasileiro. Um dentista jovem contratado pelo município já iniciou suas atividades no posto de atendimento odontológico financiado por Reutte. Agora é necessário conseguir o restante da aparelhagem do consultório e o material odontológico para o tratamento, para o qual o modesto salário dos pacientes tratados não é suficiente.

O governo estadual do Tirol despendeu a quantia de 3.600.000 xelins austríacos (dados atualizados até meados de 1996) com a realização dos projetos assistenciais.

Este montante foi arrecadado com os recursos da assistência a países em desenvolvimento por intermédio do estado do Tirol e também uma parte fundamental com donativos da contadaria que é administrada pelo governador Dr. Wendelin Weingartner.

Por enquanto foram arrecadados mais 932.000 xelins austríacos para projetos. Ao lado da assistência para o desenvolvimento realizada pelo estado do Tirol, também houve inúmeras campanhas humanitárias particulares e doações, que não puderam ser mencionadas aqui. Essa enumeração, portanto, não tem a pretensão de ser completa, entretanto as ações mais importantes que se tornaram conhecidas devem ser citadas:

A construção do hospital foi uma ação humanitária realizada pela cidade de Reutte. A construção em si foi coordenada e supervisionada pelo professor tirolês Klaus Landser, que após a partida de Gerhard Renzler também assumiu as agendas dos projetos de assistência. Assim é garantido que o dinheiro chegará às mãos certas.

Foram organizados patrocínios, sendo que foram enviadas caixas com roupas e utensílios de famílias-patrocinadoras para a Colônia Tirol. A associação alemã de conterrâneos, sob a direção da Sra. Schüller, assumiu o financiamento para o pagamento de um professor de alemão e outros subsídios. Ademais foram entregues outros 400.000 xelins austríacos ao governador Wende-lin Weingartner para os tirolêses brasileiros, provenientes de um concerto beneficente do famoso tenor Francisco Araiza,

realizado na primavera de 1996 no mundo do cristal da empresa Swarovski, em Wattens. O Lions-Club colocou à disposição 150.000 xelins austríacos para a aquisição de veículos agrícolas.

Camilo, Ângelo e Tarcisio Thomas foram convidados na primavera de 1996 pela associação de presépios do Tirol, para construir um presépio no estilo tirolês antigo e expô-lo em sua igreja na Colônia Tirol. Este deve ser o único exemplar deste estilo em todo o Brasil e se tornar mais um atrativo de visita aos nossos tirolêses brasileiros.

As comunidades de Stubaital arrecadaram junto com o "Grupo humanitário Stubai" 500.000 xelins austríacos, que também foram empregados na construção e aparelhamento das oficinas mecânicas "Oficina Stubai" para manutenção de diversos tipos de veículos e máquinas agrícolas. Será construída junto às oficinas uma serralheria.

Uma associação humanitária de Schwaz abastece o jardim de infância, o posto de saúde e a pousada com água potável livre de contaminação de um reservatório com de 20.000 litros, localizado na encosta acima do centro. A associação de grupos folclóricos de Thaur, da associação estadual dos *Volksbühnen* do Tirol, a empresa Swarovski, a indústria Jenbacher, o clube Kiwa-nis de Graz-Schlossberg e sobremaneira inúmeros particulares do Tirol, dos estados federados do leste e até mesmo a associação de austríacos de Sydney, Austrália, contribuíram com essa onda de caridade. A lista das pessoas e das organizações que já prestaram auxílio, certamente não termina aqui. Espera-se que no futuro que esta disponibilidade para a assistência não seja interrompida, já que atualmente o desenvolvimento da Colônia Tirol está em um momento decisivo. Se seus moradores conseguirem puxar a corda juntos para um futuro melhor, as chances de que a região, outrora pobre, se desenvolva no sentido de se tornar próspera e estável, sob o ponto vista econômico, são muito grandes. Mas para isso é necessária uma decisiva ajuda em logística e educação.

Poder-se-ia orientar nos conceitos de dois municípios que ficam próximos. A possibilidade de se passar a trabalhar outros

produtos que não estragam com facilidade e com os quais a margem de lucro é maior, foi mostrada por *Venda Nova do Imigrante*. *Venda Nova* é um município colonizado por italianos que fica na estrada que liga Vitória a Minas Gerais, e se localiza a 70 km da Colônia Tirol. Lá se dedicam ao agroturismo, um tipo de turismo de aventura voltado para a agricultura. O hóspede tem a possibilidade de ir diretamente ao produtor e *ver in loco* como é realizada a produção. Cada sítio se especializou em alguns produtos que só podem ser obtidos no próprio local. Desta forma evita-se a concorrência entre os agricultores e o local torna-se especialmente atraente para os hóspedes em função da grande variedade de produtos oferecidos. A oferta abrange geléias de todos os tipos imagináveis de frutas, passando por licores das mesmas frutas, até aguardente, licor de rosa, vinho de jabuticaba, frios, bacon, queijo, brinquedos de madeira e frutas secas. Há um conceito semelhante, porém talhado para a Colônia Tirol em processo de formação e que poderia melhorar muito a situação econômica dos tirolêses.

O caminho ainda é longo e pedregoso e ainda há muito a se fazer.

